

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: João Antônio (Zinho)	Data: 06/04/2011	Ocupação: Lavrador, participante do batuque
Município: Santana do Riacho		Distrito: Lapinha da Serra
Equipe técnica Entrevista: Andréia Ribeiro Produção de vídeo: Ricardo S. G. Transcrição da entrevista: Aline Pinheiro Brettas		Duração: 31 minutos Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em itálico foram proferidas pela entrevistadora.		

- *Qual o seu nome?*
- Meu nome é João, João Antunes. Mas todo mundo conhece eu como Zinho.
- *E quantos o senhor tem, Zinho?*
- Eu tenho 54.
- *E endereço do senhor?*
- O endereço aqui é Lapinha mesmo (risos).
- *Lapinha, sem nome de rua né?*
- É, não tem nome de rua, Zinho da Lapinha, né?
- *E profissão?*
- Ah, profissão eu já mexi aqui...é lavrador, né?
- *E aqui no distrito da Lapinha, quais manifestações que o senhor participa? De quais grupos o senhor participa aqui na Lapinha?*
- Grupo de...
- *Grupo cultural. Do batuque?*
- É, do batuque...desse samba que tem aí, tudo quanto é arruaça que sai tem meu dedo, né (risos)? Tudo que é arruaça a gente participa, porque tem que sair...
- *E quais as manifestações culturais que existem aqui na Lapinha? Festas, quais são?*
- Ah, eu vou ter que falar que tem o batuque, a Festa de São Sebastião...
- *Além do batuque e da Festa de São Sebastião, tem mais?*
- Festa de São Sebastião, dia 12 de outubro também tem...
- *Que é a festa de...*

- Festa de São Pedro...tem a canjica, né, de São Pedro aí, fogueira e tal...
- *E faz a quadrilha...*
- É, faz a quadrilha também.
- *A festa do dia 12 de outubro é a festa em homenagem à Nossa Senhora de Aparecida.*
- É, em homenagem à Nossa Senhora de Aparecida. Tem uma cavalgada, sabe?
- *Cavalgada daqui mesmo?*
- É, junta aqui uns 100 cavaleiro, vai tudo do lado da serra ali, tinha uma imagem assim de Nossa Senhora Aparecida lá, vai lá, arruma aquela fogueteira lá, queima foguete igual vem a Cavalgada, faz a procissão aqui, aquela cavaleria...Depois junta tudo na porta da igreja, tira foto de todo mundo, fica bom demais! Uns 100 cavaleiros...
- *Isso tudo no dia 12 de outubro?*
- No dia 12 de outubro.
- *E isso acontece depois da celebração da missa, ou...?*
- Ah, nós vai lá primeiro, vai lá e reza lá, só. E vem e faz a procissão, termina na porta da igreja, na porta da igreja junta todo mundo, tira foto, arruma aquela festança, depois para (risos), cada um vai embora pra sua casa.
- *E a Festa de São Sebastião, desde quando acontece e porque que ela acontece?*
- Ah, a Festa de São Sebastião, toda vida desde menino teve ela. Que diz que era promessa de...a promessa, diz que ia ter a guerra e tinha chamada pra três pessoas aqui. Aí eles ficaram apertado, porque o povo pra trás tinha mais bêbado que hoje em dia, né, e ficou apertado...fez a promessa, diz que ia levantar bandeira todo ano pra num vim chamada mais. E nunca mais veio chamada pra ninguém, cabou o negócio de guerra, e eles num foi também, eles num mandou buscar eles....e cabou. Agora todo ano tem a promessa.
- *Aí depois dessa promessa que foi feita pela sua bisavó, pra não ter...?*
- É, da minha bisavó, nem é do tempo da gente.
- *Aí depois dessa promessa, todo ano faz a festa em homenagem...*
- Todo ano agora tem a Festa de São Sebastião, e num ano é um que levanta a bandeira, noutro ano é outro, cada ano tem um...
- *Que fica responsável pela...*
- Quem desce ela este ano, levanta ela no ano que vem. Cada ano é um. Mas todo mundo reúne pra fazer a festa, né? Junta todo mundo, um dá o leilão, outro doa o leilão e, faz a festa. Mas sempre tem o dono mesmo, que é o festeiro que eles fala, né?
- *Que é o responsável...*

- Que é o responsável, mas os outros ajuda, né? E qualquer coisa que tiver lá, até um bolo, qualquer coisa é um leilão (risos).

- *E a Festa de São Pedro? Tem bastante tempo ou ela é mais recente?*

- A de São Pedro tem muito tempo também, que faz a festa aí, faz a fogueira, e cada ano também é um que faz ela. Tem canjica, tem tudo, né?

- *E a Festa de São Pedro, ela é comemorada em junho.*

- É, em junho. Dia 29 de junho.

- *E é nela também que o pessoal apresenta também a dança da quadrilha, ou é em outro momento?*

- A dança da quadrilha, não. A dança da quadrilha eles faz ela é noutro dia, não é no dia dela não.

- *Ah tá!*

- Cada um separada, né? A quadrilha eles marca, cada ano tá um dia... e eles fazem assim pra mês de julho, porque eles espera dos outro tudo fazer pra em outros cantos, porque se eles fizer em ano...Igual o homem que ensaia, ensaia bem ensaiadinho, e eles fica querendo que ele sai pra ensaiar noutro canto, e ele num vai...se ele sai lá por último, aí o povo fica doido pra quadrilha (risos) e aí cabou as quadrilhas.

- *Mas aí a quadrilha, ele ensaia, ensaia o grupo, e a apresentação dela acontece aonde? Na rua mesmo?*

- Na pracinha, lá na porta do grupo, mas ensaia lá também. E aí ensaia, todos os dias os meninos, eles ensaiam num lugar separado. Agora no dia da quadrilha, mesmo, aí vinham todo mundo, faz as duas quadrilhas junto, só porque os menino dança primeiro e depois os mais velho dança.

- *E o grupo que o senhor falou é próximo à igreja?*

- É, o grupo é próximo à igreja.

- *E como é que chama a igreja mesmo daqui...*

- É a Igreja de São Sebastião.

- *Ah, São Sebastião. Em homenagem à São Sebastião?*

- É, é a Igreja de São Sebastião também. É o padroeiro daqui, né?

- *E o batuque da Lapinha, como que ele é, como é que...?*

- Olha, o batuque também aí, é assim, junta um grupo de...igual se tiver 20 mulher, 20 homem. Agora, vai dançando e trespessando, vai cantando e dançando dentro da roda, e o trem vai só aumentando. Quem quiser entrar, tem que entrar com o par, se tiver um homem só e uma mulher só num dá certo.

- *Ah tá, só um par.*

- É, se quiser pode ir entrando, vai entrando, vai entrando, tem que ser só os pares.

- *E o responsável atual aqui na Lapinha, quem que é?*

- Ah, é o Seu Juquinha que é o responsável, que fica organizando, e o povo vai dançando. Mas dançar só uma vez não tem [expressão de difícil compreensão] dançou uma vez, todo mundo...a gente chega a primeira vez, e já vai chegando e embocando no batuque e já vê que é batida, e faz ela gostando. E já vai entrando, e aí vai embora.

- *E...o tipo de música que vocês cantam, tem como você dar um exemplo pra gente?*

- Ah, mas é um monte de música. Temos assim (o entrevistado começa a cantar, batendo palmas): “desci praqui abaixo pra apanhar café maré, pra apanhar café maré, se num for pra nós casar, namorar também num quer, namorar também num quer”. Assim, só canta e repete, sabe? Eles puxa e repete, a gente também repete do mesmo jeito: “o galo já cantou no retiro aonde eu moro, no retiro aonde eu moro, pra quem mora perto é cedo, pra quem mora longe é hora, pra que mora longe é hora”. Aí (o entrevistado levanta e bate palmas) repique e faz a roda em volta das cadeiras, sabe? Aí as dançadeiras faz o mesmo também, faz que ela vai e vai dançar com o outro e tem muitos. Quando eles chegam no começo: eles namorado, convida eles pra dançar – “ah não, eu vou dançar só mais meu namorado”. Ele fala – “pode” – ele dança mais ela, quando a outra vem que dá a voz, já tá a outra lá...e ela vai dançar pra lá, ele dança pra cá, e aí vai indo, é só trocando, sabe?

- *E quem puxa o canto é o Seu Juquinha?*

- É o Seu Juquinha que puxa.

- *E ele é que é o responsável por puxar.*

- Ele que é o responsável. A gente até que tem um puxado, mas sempre é ele que puxa.

- *E tem sucessor assim, pra ocupar o lugar do Seu Juquinha? Porque hoje quem puxa ele, mas caso amanhã ele venha a falecer, tem alguma pessoa?*

- Não, qualquer um puxa.

- *Qualquer um puxa, não precisa ser...*

- É isso mesmo que eu tô falando, por exemplo, vão supor: igual eu canto, agora que tô resposta, só isso.

- *Aí acompanhado com quais tipos de instrumentos musicais?*

- Ah, tem pandeiro, tambor, e piano, até piano, a rabeca, qualquer coisa. Qualquer instrumento que tiver, até um tambor que a pessoa bater lá e tino que vai embora. Qualquer instrumento, violão, e aí...mas tem que dar um som bão, porque no começo a coisa num quer nada não, mas acompanha aquele compasso, né? E o trem dança, e a poeira levanta mesmo (risos). E todo

mundo que vinha cantar...agora têm umas duas meninas, que elas dança, sem graça, cantando encolhida, e têm outras que dança até machucar, assim que é bom. A gente vê uma pessoa que tá querendo dançar e vê que tá alegre, querendo dançar, não é? Todo satisfeito e tal, agora fica aí, todo murcho (risos). Mas tem uma pessoa que gosta mesmo, tem um pessoal de fora que vai chegando e já vai fervendo, começa a dançar até sozinho, e arruma o par, de tanto que gosta, porque gosta mesmo, né?

- *E o batuque, Senhor Zinho, tem data específica pra ele acontecer, ou isso não existe, como que funciona?*

- Tem não, tem data não. Qualquer dia que o povo reunir e falar – “vão fazer um batuque hoje” – aí faz.

- *Ah tá. Aí geralmente ele é apresentado aonde, mais um local assim que vocês apresentam?*

- Lá no bar meu, lá perto da igreja, o bar do Zinho. Aí o povo é que manda, é que o povo reúne – “vaum fazer um batuque hoje, gente” - aí reúne e faz, entendeu?

- *Aí além das festas, do batuque que você mencionou que tem aqui na Lapinha, existe mais alguma outra coisa? Ou é mais mesmo essas festas...?*

- Ah, mais é só essas mesmo. Existe o samba também, que tá muito usado aí agora, né?

- *Faz roda de samba?*

- É, faz aquela roda de samba e chamar mesmo, porque o povo gosta, porque fica a noite toda, né? Para um bocadinho, começa de novo, e vai bebendo, e o pau cai e amanhece o dia...Cada um leva os seus instrumentos, e toca a noite toda. Tambor e violão, mais é tambor mesmo, pandeiro.

- *E, as outras festas que acontecem, por exemplo, lá em Santana, né? Na cidade acontece a festa em homenagem à Nossa Senhora de Santana, aí o pessoal daqui participa, também vai lá pra assistir?*

- Participa. Participa muito porque a única festa que tem mais perto aqui da região é lá, né? E lá eles fazem, lá é bom, lá já é festa mais é forrozeira. O povo vai e dança forró a noite toda, das banda que eles têm, e o povo gosta muito. Lá tem o lugar lá de fazer a festa mesmo, aí dança a noite toda, o povo vai muito daqui até lá. Mas não é todo mundo que vai não, né?

- *E quando tem aqui, por exemplo, igual a Festa de São Sebastião, que é mais antiga da Lapinha, o pessoal de lá também vem, ou de outras comunidades também vêm?*

- Vem. Eles vem participar agora aqui. Estão gostando, o povo de Santana é danado pra vir aqui, tudo que é arruaça que tem aí, chega aquela turma deles, porque fica bão, porque eles vê só gente passar pra cá, o pessoal vem pra cá demais, aí eles anima a vir também, né? E aí fica muito bão, porque tudo quanto é festa aqui, que faz aqui, ela realça, porque acho que o lugar é

bunito, né? Tem pessoa que fica dançando olhando [expressão de difícil compreensão], a animação é muita, não é? A serra com um paredão daquele, não é? Bunito...Igual essa quadrilha aqui, eles pode mexê pra outros cantos, mas num faz uma quadrilha igual aqui, até o lugar, né? O lugar ajuda também, o lugar bunito, para a dança e corre pra cachoeira, que trem bão, né?

- *E a quadrilha, quando tem, quem dança são mais os moradores da Lapinha ou vem gente de fora também pra dançar?*

- Ah não, nós faz ela é mais os moradores daqui.

- *Ah tá, é mais os moradores locais.*

- É, só os daqui, porque tem que ensaiar, é muito tempo. Agora eu ensaiei um assim, eu tenho um monte de foto, se eu achasse eu ia mostrar ocês, da quadrilha que eu dancei. Tirei as fotos, sabe, pus no quarto e ficou bão, mas cada foto, eu nunca vi desse jeito (risos). Depois eu vou olhá se eu acho ela lá em cima...

- *Ok. E Seu Zinho, qual é a importância que o senhor acha dessas coisas que acontecem aqui na Lapinha pros moradores daqui? Essas festas, o batuque...*

- Ah, isso é bão, porque vai se interessando, porque o povo fica doido pra ter uma distração, e aí é uma coisa boa, num é? Porque vai só distraindo, porque pra trás não tinha divertimento nenhum, num era? E agora tá cada vez só melhorando, igual pra trás, só tinha essa festa de janeiro, uma vez no ano: do janeiro do outro, do janeiro do outro. Agora tá tendo muita arruaça, fora, já tinha essa de Nossa Senhora de Aparecida, essa de São Pedro...curtir um carnaval aí que nossa senhora, o povo [expressão de difícil compreensão], igual a festa mermo...Então vai só aumentando, né?

- *E vocês comemoram o carnaval aqui?*

- Nossa, esse carnaval aí...comemora assim, tocando aí pro bar fora, porque é muita gente, não tem jeito de dormir cedo, né? Amanhece o dia, se é carnaval, Semana Santa...tudo, dá movimento. Réveillon, tudo dá muito movimento.

- *Mas aí a Semana Santa vocês fazem alguma celebração especial, tem alguma encenação ou dá alguns dias, ou não?*

- Costuma ter.

- *Quais os dias, você sabe me falar, quais os dias que têm, Domingo de Ramos...?*

- Sexta-feira mermo...

- *Sexta-feira da Paixão. Domingos de Ramos tem?*

- Tem.

- *A quarta também tem a procissão do encontro?*

- Ah, num tem não, é só sexta meremo.

- *É só sexta. Quinta, também lava-pés não tem...?*

- Sexta, sábado, domingo, né? E sexta-feira, por causa de junho, né, todo mundo aqui faz o de junho...

- *A Sexta-feira da Paixão.*

- É, Sexta-feira da Paixão. E é aquele costume de guardar, agora ela vai saindo e a gente não tá guardando endereço igual guardava, né? Aqui pra trás, Nossa Senhora, tinha gente deixando até de comer pronto, pra comer na sexta-feira (risos). Agora já tá é cozinhando, o restaurante tá funcionando, porque vai largar procê comer, né? Num tem como, agora nós tava comentando com a minina ali, que ela tem um restaurante...ela disse que num sabe se vai abrir sexta-feira, como é que arruma, né? Às vezes tem umas 2.000 pessoas, eles qué cumê, uai, vai ficá sem cumê, né? Tem que dá um jeito de fazer comê a comida por causa disso, uai! Deus ajuda que num é pecado não, porque pra trás eles num cozinhava mas num vinha. Faz isso é só nas casa, e tem gente que fazia a comida quinta-feira pra comer sexta. Sexta-feira é só destampar as panelas e comer. Agora como é que faz isso, tem umas 2.000 pessoas ficar sem comer, né? Eles num vai trazer marmita (risos).

- *E outra pergunta que eu ia te fazer, Seu Zinho, como que o senhor acha que essas manifestações, igual por exemplo a Festa de São Sebastião que é mais antiga, o próprio batuque, a Festa de São Pedro. Como que isso é repassado pra outras gerações, as pessoas, muitas inventaram a festa, igual por exemplo, a sua bisavó, que deu a idéia de fazer a promessa a São Sebastião, pra não ter o alistamento pra ir pra Segunda Guerra Mundial, e ela já faleceu provavelmente...*

- É, ela faleceu e ficou, né?

- É, e como que o senhor acha que isso fica? Como é que o senhor acha que se dá esse processo de passar de geração pra geração?

- É, o trem vai ficando, os velho vai morrendo, os novos vai pegando aqui e vai aprendendo. Igual o batuque, o batuque mesmo, quando era bem pequenininho, que tinha um lugar ali perto da ponte chamado “Batuque no beco”. Todo dia o povo ainda fazia o batuque, e aí foi aquele negócio – “o Batuque no beco tá fervendo” – e aí todo dia fazia batuque, e aí o par morreu, parou. Ficou uns anos parado, uns vinte ano. Depois dos vinte ano que começou de novo, e começou e o povo não queria nada, depois foi gostando, e aí foi incentivando aquele trem, sabe? E hoje em dia, começou de novo.

- *Então o batuque existe desde quando o senhor era menino?*

- Desde eu menininho, que tinha ele lá, que eles falava – “o Batuque do beco tá fervendo”. Lá é o lugar do batuque mesmo.
- *Aí depois deu uma parada, aí...*
- Deu uma parada, uns 15 ano ou 20...ficou, cabou, depois começou de novo.
- *Aí quem teve a idéia de começar de novo foi o Seu Juquinha?*
- O Seu Juquinha que começou de novo. Ele experimentou, aí foi indo e mexendo, e foi gostando, né?
- *E o senhor sabe me falar, mais ou menos, quando ele começou de novo no batuque?*
- Ah, deve ter uns seis, uns oito anos, por aí...mas teve uns vinte ano parado.
- *Mas eles já participava também quando era criança nesse grupo de batuque...?*
- Participava, participava quando, lá tinha os dançador, o tal Quinquin, Mariazinha, Maria do Binha...tinha uma mulher que mora lá assim da serra, uns 40 quilômetros, ela vinha cá só pra fazer batuque. Uma velha assim, vinha a pé, caminhando, só pra dançar batuque (risos). Aí morreu, tudo cabou né, parou. O povo pegou em tudo já, igual o forró que tinha aí, agora começou de novo. Tornou a começar e tava gostando, e gostou. Aí nós dançou lá em Belo Horizonte, nós fomo lá em Belo Horizonte, dançou, dançou...na Serra do Cipó nós dança, vai lá e faz aquelas apresentação, né?
- *Aí geralmente quando vocês vão lá dançar, vocês são convidados...?*
- É, são convidado, aí eles servem até uma comida pra gente lá, cuida da gente lá (risos). Cuida da gente lá, a gente vai lá, come, bebe, num gasta nada, eles manda levar tudo. Porque só lhe interessa da gente apresentar lá, né?
- *E a gente comentou mais sobre assim...quais as festas que têm aqui, né, que o senhor falou o nome, algumas o senhor explicou porque a origem, provavelmente pela sua bisavó, falou do batuque. Aí eu queria saber se o senhor sabe o nome de algumas que acontecem em outras comunidades ou distritos de Santana, e também as que acontecem na própria cidade. Você saberia falar pra gente...?*
- Ah, a que eu to sabendo mesmo é só a Festa de Santana.
- *Só a Festa de Santana, que é a mais antiga, né?*
- É, mais antiga, igual a do Tabuleiro, nessa região assim têm as festas mas nem tô lembrado do santo não (risos), que é o dono da festa.
- *Mas aí Tabuleiro, vocês vão muito lá em Tabuleiro, porque Tabuleiro é em Conceição, né?*
- Vai, vai muito em Tabuleiro, que é em Conceição...Santa Cruz dos Alves também...
- *Que é Congonhas do Norte, né?.*

- É, todo ano tem festa lá, o povo vai e faz a festa lá. A Clara este ano foi até festeira lá, no ano passado.

- *Em Santa Cruz dos Alves?*

- É.

- *A Clara, ela é moradora daqui?*

- É, ela tá morando, ela deve estar gostando, ela mudou pra cá agora. Ela fez a festa lá no Santa Cruz dos Alves, chegou lá e gostou da festa, e eles puseram ela. Nomearam ela pra ser festeira.

- *Então vocês participam também mais de outras festas, de outras comunidades que não é do município...?*

- É, de outras comunidades também, a gente sai muito, nas festas. Lá na Serra do Cipó mesmo, Mangabeiras, tudo tem festa. Agora Mangabeiras já é mais de...aquele negócio do congado.

- *É, que é a Marujada que tem lá, né?*

- É, a Marujada, é mais daquilo. E, agora nos Alves também, é também [expressão de difícil compreensão], Tabuleiro, Congada, aquele tanto de...é Congado mesmo, né? Folia, Folia de Reis...

- *Aqui também tem Folia de Reis, no município de Santana?*

- Tem não, essa folia é lá no Tabuleiro que tem. Mas lá é aquele tanto de dançante, uns 30, 50 dançante, o trem fica bão. Vai nas casa, canta, canta, come, sai (risos), vai caçar outra casa. Eles corre muitos dia, andando, Folia de Reis...Agora aqui num tem Folia de Reis não.

- *Dessas manifestações que o senhor falou pra gente, que acontecem aqui em Lapinha, o senhor acha que uma dessas corre o risco de deixar de existir, ou o senhor acha que isso não...?*

- Ah, disistir não disiste nada. Esses trem vai cada vez aumentando, não é?

- *Porque que o senhor acha?*

- Ah, porque os mais velho às vezes amolece, larga, o novo pega, né? Os novos é só pegando...que quantos trem às vezes nem tinha e lá vai só aumentando, né? É, vão supor violeiro, né?

- *Aqui tem violeiro?*

- Tem, tem violeiro. Ninguém mexia com isto aí, num te interessa, agora vai só aumentando, né? Um vê o outro tocá, aprende; outro vê ele tocá, aprende...outro que aprende a tocar um tambor, e vai só aumentando. E as festas, o povo tá caçando é festa.

- *Desses violeiros assim que têm aqui o senhor saberia citar pra gente os nomes deles, ou não?*
- Não, violeiro que eu sei que tem aí agora...quer ver, aí tem um tal de Adriano, que toca bem; Vilmar...Vilmar toca bem pracaramba. E no mais tens uns aí, mas não é assim, é que mudou pra cá, um trem assim.
- *Ah tá, que não é daqui, mas mora aqui há pouco tempo. E esses violeiros eles só tocam, não tem nenhum que produz instrumento musical, tem alguém que produz, aqui dentro, não?*
- Tem não.
- *Aqui dentro, tem não?*
- Tem não...agora o Vilmar é danadinho, toca bem, ele faz as música.
- Vilmar?
- É.
- *Violeiro também?*
- Violeiro, mas ele tá morando agora é na Serra do Cipó. Mas ele é daqui, faz umas música, você vê que música que ele faz, daqui mesmo, sabe?
- *E o batuque canta as músicas que ele faz, ou não, não tem nada a ver, assim?*
- Canta, ele canta. Se for pra ele tirar o batuque também, ele tira, igual o Seu Juquinha. Tira e canta, [expressão de difícil compreensão], ele faz, até tudo que der pra ele fazer.
- *E essas músicas que vocês cantam, quando acontece o batuque, essas músicas elas são mais assim de conhecimento de tradição que é repassada, ou vocês inventam?*
- Ah, essas musiquinhas, essas musiquinhas é antiga, esses reizinho, do tempo mesmo que eles conheciam o batuque, eles já cantavam eles, né?
- *Ah tá. E vocês já sabiam as letras...*
- É, e aí eles foram levantando elas (risos). Levantou, pegou, passou a tocar elas e toda vida teve elas. Aquelas musiquinhas boba, né? Tem um monte de música, tem muita. Igual que eu falei aquelas duas, mas até tem muita música (risos). Dependendo, é como assim, apanhou som, né?
- *E...dentre também essas manifestações que o senhor falou, o senhor acha que assim por exemplo, quem tá dedicado e promover e fazer a Festa de São Sebastião, é a Festa de São Pedro ou o povo do batuque, encontra alguma dificuldade pra levar essas coisas a frente, pra poder realizar essas coisas?*
- Ah, encontra não, que eles gosta né?
- *Então não vivencia nenhuma dificuldade assim pra...*

- É, todos nós, pra quem vai fazer a festa, sendo o festeiro, fica aquela alegria...não é todo mundo que quer tomar aquela responsabilidade, né? Tem uns que não quer. Quer ficar é livre...quem gosta, já faz, [expressão de difícil compreensão] interessa, né? Agora a Festa de São Pedro, essa daí o povo não achou jeito pra fazer ela não. Aí o povo faz ela todo mundo, né?

- *Ah tá, então todo mundo reuniu e fez.*

- Todo mundo reúne e faz, desse jeito. Que não tem o dono separado; agora, a de São Sebastião todo ano tem. Costuma vir alguma pessoa de fora e pede pra fazer ela, faz, e vai lá, desce a bandeira.

- *Mas o senhor sabe porque pessoas de fora vêm pra pedir pra poder fazer, ou não?*

- Porque eles gosta, eles acha muito bonito, né? Fazer ela e...eles têm aquela história com São Sebastião, né? São Sebastião é muito milagroso, eles quer fazer ela...

- *E o batuque, ele enfrenta alguma dificuldade, ou não?*

- Ah, o batuque não, o batuque tem mais dificuldade é pra reunir. É danado demais, você ver juntar esse povo tudo, e têm uns coitado que chega, pula no batuque sem saber aonde que é o batuque, não sabe de nada, não entende nada do batuque, quer dançar. Aí eles toma uma, né, chega lá no meio do batuque sem saber. E aí deve dar trabalho pra organizar, né?

- *Você fala saber assim, porque questão assim, de um casal ter que dançar com o outro...*

- É, saber, um casal dançar com outro – “ah, nós vão fazer a volta aí direito” - às vezes têm certos casais que chegam a primeira vez, vê aquela música boa, já quer dançar é forró...estraga o batuque, né?

- *Mas aí vocês orientam essas pessoas...?*

- Orienta, quando a gente fala – “olha fulano,aqui não é forró não, aqui é batuque, né?” – aí ele larga e vai dançar o batuque. Porque às vezes tá todo mundo dançando, fazendo a volta dançadeira, e outro tá é dançando forró, [expressão de difícil compreensão] né?

- *Mas, pra mim entender como é que funciona no batuque: primeiro, vem o Seu Juca e puxa a música, não é?Aí já têm os pares formados, por exemplo, um homem de um lado e as mulheres de outro...*

- Olha, faz a fila, duas filas: dez mulher aqui e dez homem aqui. Agora os homem vai dançando, o canto começa a cantar, tá na hora de fazer a voz, o homem faz a volta em volta da mulher aqui, e vai pra frente. As outra mulher também vai pra lá. O outro lá faz um mimo. Cada um toca com você aqui, e o outro toca pra lá. E aí, da outra vez eu já vou pra frente, e você vai pra lá pra frente de novo.

- *Mas depois encontra o casal.*

- É, vai mexendo até formar uma roda. As duas filas forma uma roda, e roda pode ir crescendo.

- *E quem tá na roda vai cantando, cantando o coro.*

- É, vão supor nós tá vendo ele dançar, nós quer entrar, nós tem que entrar nós dois. Nós entra assim agora, quando for fazer, nós faz a volta aqui e já fica...agora, se num tem um sozinho, descontrola. Ou se um sair...se um sair, fica um lá sem par, né?

- *Entendi. E essas pessoas que dançam com pares, elas só dançam e cantam do lado de fora fica o pessoal. O Seu Juquinha puxando, e o pessoal tocando instrumento?*

- Não, o Seu Juquinha dança também.

- *Ah, dança também.*

- É, ele dança do mesmo jeito. E ele só começa a cantar, ele só canta a primeira vez. Vamos supor, ele fala (o entrevistado, já de pé, canta e bate palmas) – “a folha da bananeira, de comprida amarelou, de comprida amarelou” – agora para. Agora os outros que responde: “quem quisé casá comigo, vai pedir quem me criou”. E aí vai pra frente (risos).

- *E o pessoal que toca o instrumento fica fora dessa roda?*

- É, os que toca fica dentro da roda.

- *Ah, fica dentro da roda também...*

- Eles fica dentro da roda tocando e acompanhando...mas dá um som mais bão! E todo mundo que chega, que quisé entrar, tem que pegá o par dele e entrar. Se tá sozinho, num dança de jeito nenhum, e quando é no fim falta uma. Tem que entrar os pares...

- *Aí o senhor demonstrou pra gente um pouco da dinâmica, como que é o batuque...a pessoa que entra na roda pra dançar, tem uma vestimenta específica, ou cada um usa a roupa que quer...?*

- Não, qualquer roupa.

- *Qualquer roupa. Não tem uma vestimenta específica...*

- Num tem não. Qualquer roupa que a pessoa tiver vai entrando, não tem problema não. Agora muitas mulher gosta de dançar, com aquele saião, sabe? Aquele saião, né? Mas faz aquela vorta, só pra impressionar, com vestido grande (risos). Mas qualquer roupa serve.

- *Mas não é obrigatório?*

- Não. Agora na quadrilha que depende, né? A quadrilha já é cada um com sua roupa, enfeitada, tudo enfeitadinho, enfeite de chapéu, enfeite tudo, né? Homem remenda a roupa toda, faz cigarro, faz ir lá pra roça, faca dum lado...mentira pura (risos).

- *E Seu Zinho...*

- E gosta de botar aquele menininho, na quadrilha, aqueles menininho com [expressão de difícil compreensão] no bolso. Pois [expressão de difícil compreensão] de trabalhar, pois num tá agüentando nada, né. Tem fim, né?

- *E Seu Zinho, tem algum comentário que o senhor gostaria de fazer, que a gente não falou, que o senhor gostaria de falar, alguma coisa que eu não perguntei, que o senhor – “ah, você não perguntou isso” – e seria legal falar? Ou o senhor acha que conseguiu contemplar tudo?*

- Ah, num tô lembrado não. Que tem bom não, né?

- *Seu Zinho, você autoriza a utilização dessas imagens e desse conteúdo dessa entrevista pelo IPHAN?*

- Sim, autorizo, uai.

- *Ok, obrigada.*

- De nada.